



UFRJ

UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS
GRADUAÇÃO EM LETRAS – PORTUGUÊS E SUAS LITERATURAS

LUIZA DA CONCEIÇÃO ARAUJO DE CARVALHO

**A influência da *fanfic* no desenvolvimento do jovem leitor:
Literatura e afeto**

MONOGRAFIA DE CONCLUSÃO DE CURSO

Rio de Janeiro

2021

LUIZA DA CONCEIÇÃO ARAUJO DE CARVALHO

**A influência da *fanfic* no desenvolvimento do jovem leitor:
Literatura e afeto**

Monografia de conclusão de curso
apresentada ao curso de Letras da
Faculdade Federal do Rio de Janeiro,
como parte dos requisitos
necessários à obtenção do título de
graduação.

Orientadora: Anabelle Loivos
Considera Coorientadora: Mariana
Roque

Rio de Janeiro
2021

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP - Catalogação na Publicação

C953i Carvalho, Luiza da Conceição Araujo de
A influência da fanfic no desenvolvimento do
jovem leitor: Literatura e afeto / Luiza da
Conceição Araujo de Carvalho. -- Rio de Janeiro,
2021.
55 f.

Orientadora: Anabelle Loivos.
Coorientadora: Mariana Roque.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
de Letras, Licenciado em Letras: Português -
Literaturas, 2021.

1. Fanfic. 2. Literatura. 3. Educação. 4.
Afeitividade. 5. Cultura. I. Loivos, Anabelle,
orient. II. Roque, Mariana, coorient. III. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

“Palavras são, na minha humilde opinião, nossa inesgotável fonte de magia. Capazes de formar grandes sofrimentos e também de remediá-los.”

Alvo Dumbledore, em *Harry Potter e as Relíquias da Morte*.

AGRADECIMENTOS

Antes de tudo, como diria Meredith Grey: “Acho importante separar um tempo para dizer às pessoas que você ama o quanto você as ama enquanto elas ainda podem te ouvir.”; por isso, tomo essa oportunidade para agradecer a todas as pessoas que fizeram parte da minha trajetória e a impactaram de alguma forma.

Primeiramente, agradeço a Deus, por ter guiado o meu caminho e por ter cuidado da minha vida. Sei que seus planos são muito melhores do que os meus e acredito no seu propósito para minha vida e aguardo ansiosamente tudo que já tem planejado para o próximo capítulo. Aos meus pais Conceição e Jorge, não só agradeço mas dedico tudo o que sou, porque é fruto de todos os sacrifícios que vocês fazem por mim diariamente. Obrigada por todo o investimento em mim, não só financeiro, mas emocional; sou a prova viva da diferença que o apoio familiar tem na vida de uma pessoa. Obrigada por sempre lutarem por mim e comigo, por não deixarem eu me abater e por sempre terem uma palavra de conforto ou um colo para que eu pudesse me recolher. Obrigada pelos puxões de orelha que foram fundamentais para que eu nunca me desviasse do meu caminho. Acima de tudo, obrigada por sonharem meus sonhos comigo. Essa conquista é tão minha quanto de vocês.

E em memória da minha avó, Celina, quero agradecer por suas palavras de apoio e conforto que sempre ficarão comigo; sei que, onde você está, sente orgulho de mim.

Ao meu irmão, Ramon, agradeço pelo apoio e por sempre acreditar no meu potencial. À minha cunhada, Caren, por fazer a nossa família mais feliz. Aos meus sobrinhos, Alice, Giovana, Luan e Lucas, obrigada pela alegria genuína que vocês me proporcionaram durante todos esses anos só por existirem. Aos meus cachorros, Milu, Negão e Meredith, agradeço pelas nossas caminhadas diárias durante os dois anos de quarentena, que me renovavam a energia e saúde mental.

À Suellen Quinelato, por ter sido uma das minhas primeiras fontes de inspiração, obrigada por sempre ter sido um bom exemplo a se seguir. À minha Nanina, obrigada por sempre ter cuidado de mim e ter me mostrado que família está além dos laços sanguíneos. Às minhas tias, Josy Araujo e Luzia Carvalho e meu tio

Marcos Robson, agradeço por sempre torcerem e cuidarem de mim; nada do que vocês fizeram e fazem por mim passa despercebido. Aos meus avós paternos, Rosa e Manuel Carvalho, obrigada pelos sacrifícios que fizeram pela nossa família.

Aos meus melhores amigos, Eduardo Araújo, Sthefany Ramos e Rabab Kazem agradeço não só pela amizade, mas, principalmente, pelo apoio quase diário durante o período final da faculdade; vocês são responsáveis pela minha chegada até aqui. À Vitória Araújo, Carolaine Araújo, Patrini Andrião, Maria Moutinho, Maria Eduarda Tognetti, Bruno Araújo, Wladimir Martins agradeço por sempre terem me ouvido, acreditado em mim e pelo papel único que cada um exerceu na minha vida; sei que tenho sorte em poder contar com o apoio de vocês. Agradeço à Ester Vilhena, Livia Ribeiro e Raíza Tenório; só eu sei como poder conversar, chorar e rir com vocês foi fundamental. À Jade Goulart, obrigada pelas conversas e por compartilhar seu amor por *fanfic* comigo. À Gabriel Bier, Gabriel Victor e Danilo Vaz agradeço pelo apoio e pelas memórias compartilhadas durante esses anos.

À professora do ensino médio, que tenho prazer de chamar de amiga, Mônica Cruz, obrigada por ter enxergado potencial em mim e por ter aprofundado meu amor pela cultura *pop*; sou uma pessoa melhor por causa de você. Às minhas professoras da UFRJ, Mariana Roque e Anabelle Loivos, obrigada por terem me guiado durante essa trajetória e por terem me proporcionado conhecimentos educacionais, literários e humanitários que levarei para toda a vida. À minha orientadora do estágio, Thaís Seabra, obrigada pela experiência concreta com a transformação que a Literatura é capaz de fazer em sala de aula e por ter tão gentilmente dividido sua sabedoria e tempo comigo. Ao Projeto de Extensão da UFRJ, Os Pacová, agradeço a oportunidade de aprender e compartilhar conhecimentos e paixões literárias com vocês.

À Ellen Pompeo e Patrick Dempsey, sempre serei grata pelas alegrias e conexões que vocês proporcionaram na minha vida; a marca que vocês deixaram é permanente.

Por fim, às minhas amigas Natália Cordeiro, Brenda Gandini, Julia Fernandes, Fabiana Dornellas e Silvia Luiza, devo mais do que um agradecimento pela parceria durante esses longos anos de faculdade, devo um agradecimento por me fazerem sentir parte de um grupo, por me ensinarem lições que vão além de

qualquer conteúdo que eu tenha aprendido em sala de aula, por terem paciência com minhas manias, por explicarem repetidamente a mesma coisa quando eu não conseguia entender ou simplesmente não lembrava, obrigada por todas as horas vagas que passamos conversando entre as aulas ou dormindo no corredor da biblioteca, obrigada pelas festas, almoços, risadas, choros, brigas, obrigada por terem escutado tudo, dos meus problemas mais sérios, até as minhas preocupações sobre Grey's Anatomy, por terem sido minha família durante esses anos e por terem me entendido quando eu mesma não consegui. Não tem ninguém com quem eu preferiria tomar esporro na fila do bandeirão por atitudes infantis, senão vocês. Sou uma pessoa melhor por causa de vocês, que transformaram não só minha experiência acadêmica, mas mudaram a forma como eu enxergo o mundo.

Aos escritores de *fanfic*, que são os grandes responsáveis por esse trabalho, agradeço por terem sido muitas vezes fonte de inspiração, esperança e alegria e por terem renovado meu amor pelo prazer da leitura. Aos leitores das minhas histórias, agradeço por dividirem comigo a transformação que a Literatura afetiva tem na vida das pessoas. A arte salva!

“Negar a fruição literária é mutilar a nossa humanidade.”

(CANDIDO, 1995, p.186.

LISTA DE FIGURAS

1.	Figura 1.....	27
2.	Figura 2.....	28
3.	Figura 3.....	29
4.	Figura 4.....	30
5.	Figura 5.....	30
6.	Figura 6.....	34
7.	Figura 7.....	35
8.	Figura 8.....	37
9.	Figura 9.....	39
10.	Figura 10.....	41
11.	Figura 11.....	41
12.	Figura 12.....	44
13.	Figura 13.....	45
14.	Figura 14.....	45
15.	Figura 15.....	46
16.	Figura 16.....	47
17.	Figura 17.....	47

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	13
2.	CONCEITOS TEÓRICOS.....	15
2.1	LITERATURA.....	15
2.2	LITERATURA E CÂNONE.....	16
2.3	GÊNEROS TEXTUAIS.....	17
2.4	<i>FANFIC</i>	18
2.5	SUBJETIVIDADE.....	21
2.6	AFETIVIDADE.....	22
3.	QUAIS OS FATORES QUE CATIVAM O JOVEM LEITOR AO GÊNERO <i>FANFIC</i> E COMO EXPLORÁ-LOS?.....	24
3.1	A LITERATURA COMO FORMADORA SOCIAL.....	24
3.2	CULTURA ERUDITA X CULTURA POPULAR.....	27
3.3	<i>FANFIC</i> : UM GÊNERO TEXTUAL LEGÍTIMO.....	32
3.4	O VALOR SOCIOCULTURAL DA <i>FANFIC</i>	37
3.5	MEDIAÇÃO DE LEITURA.....	42
4.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
5.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	50

RESUMO

A internet tem mudado muito a maneira como vivemos, nos comunicamos e pensamos o mundo. Por meio dela temos sido capazes de ampliar nossas conexões, tanto fisicamente como cognitivamente, compartilhando nossos conhecimentos e interesses com diferentes pessoas mundo afora. Novas manifestações literárias surgem a partir desse movimento de evolução e adaptação social; esse trabalho, portanto, procura explorar os principais fatores que fazem das *fanfics* uma aliada no desenvolvimento literário de adolescentes e jovens adultos e seu valor sociocultural e cognitivo, ambos de forma subjetiva e social, uma vez que "é na palavra que o inconsciente encontra sua articulação essencial" (DOR, 1980). Além disso, reivindica-se sua relevância dentro do espaço escolar tanto como gênero textual, quanto como ponte facilitadora para outras mediações de leituras, tendo como base principal os estudos sobre gênero textual do linguista Luiz Antônio Marcuschi e os estudos sobre Literatura e sociedade do sociólogo Antônio Candido.

ABSTRACT

The internet has changed the way we live, communicate, and think about the world, because of it we have been able to amplify our connection, both physically and cognitively, by sharing our interests with different people around the world. New literary manifestations emerge from this movement of social evolution and adaptation, therefore, this essay intends to explore the main factors that make fanfics an ally in the literary development of teenagers and young adults, as well as its social and cognitive values, both subjectively and socially, since “it’s in the word that the inconsistent finds its essential articulation.” (DOR, 1980). In addition to claiming its relevance inside the educational space as a textual gender, as much as a bridge to mediations of other readings, based on the studies of the linguist Luiz Antônio Marcuschi and the sociologist Antônio Candido.

1. INTRODUÇÃO

A internet tem sido um divisor de águas, desde o seu surgimento até os anos mais recentes com sua rápida evolução. Sua acessibilidade e fluidez tem sido fundamental para o compartilhamento de conhecimento, uma vez que parece que temos o mundo inteiro ao alcance de nossas mãos. Esse universo virtual é fundamental para conectar pessoas ao redor do mundo e servir como plataforma para discussões e reflexões do cotidiano. Apesar de ter seus pontos negativos, como propagação de informações falsas e ampliação do analfabetismo funcional, é por meio dela que a nossa sociedade tem sido capaz de evoluir em tantas áreas, de forma que tudo parece mais rápido do que somos humanamente capazes de processar. Sua funcionalidade tem proporcionado a oportunidade de revolucionar a maneira como pensamos e enxergamos o mundo, nos impulsionando a desestabilizar os preconceitos cristalizados e as estruturas mais convenientemente estabelecidas por intermédio da nossa sociedade letrada.

Nossas experiências pessoais e conjuntas viabilizam a formação e reflexão complexa sobre os nossos objetos de estudo, da mesma forma que sobre sua influência em nós. Os elementos culturais da nossa sociedade intervêm ativamente na nossa subjetividade e atuam tanto quanto a escola e a família na formação humana, uma vez que “a constituição do sujeito se realiza pela interdição que a linguagem estabelece no contato com o outro.” (LIMA, 2016, p. 21).

A aprendizagem por meio da Literatura e das relações que essas obras propiciam fazem parte de uma trajetória individual e singular à medida que, simultaneamente, compartilhamos uma jornada social. O papel da escola moderna é ir na direção contrária à que se tem traçado até aqui e transformar o ambiente ditatorial em um espaço de cooperação literária, onde os alunos sintam-se convidados a compartilharem seus interesses literários, e não mais sentir como se esses fossem menos válidos. Histórias em HQs como *Turma da Mônica*, *Mafalda*, *Vingadores* e *Arlequina*, ou mangás, como *Naruto* ou *Your Name*, são exemplos de gêneros extremamente populares e presentes na vida dos jovens, mas, a não ser quando são apresentadas em sala de aula em tirinhas, não tem uma participação significativa e um estudo de análise mais aprofundado sobre seu conteúdos. Muito

se fala sobre a importância cultural e formadora que a *Turma da Mônica* e *Mafalda* e os conteúdos nelas abordados possuem no desenvolvimento desses leitores, no entanto, essas franquias ainda são estudadas superficialmente, possivelmente, por terem como público alvo principalmente crianças e adolescentes.

A *fanfic* surge como uma ponte facilitadora de mediação de leitura e é um lugar de refúgio para onde essas pessoas sabem que podem se voltar quando buscam uma conexão mais profunda com algo com o qual se importam, valorizando a subjetividade de cada indivíduo.

mesmo apresentando alto poder preditivo e interpretativo das ações humanas em qualquer contexto discursivo, os gêneros não são instrumentos estanques e enrijecedores da ação criativa. Caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. Surgem emparelhados a necessidades e atividades socioculturais, bem como na relação com inovações tecnológicas (MARCUSCHI, 2002, p.1).

Embora ainda haja relutância para a aceitação dessa nova arte dentro do espaço literário e educacional — apesar de o termo aparecer 7 vezes no mais novo documento norteador das políticas públicas de currículo no Brasil, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) —, essa monografia defende o valor sociocultural e humanitário da *fanfic* como Literatura e sua atuação como gênero textual legítimo.

2. CONCEITOS TEÓRICOS

2.1 LITERATURA

A Literatura é um conceito discutido por diversos estudiosos, cuja possibilidade interpretativa é muito abrangente. Um dos primeiros a tentar explicá-la foi o filósofo grego Aristóteles (384-322 a.C.), caracterizando-a como arte da *mimese*, ou seja, “a arte que imita pela palavra.”

Há certo fundamento na crença de que a Literatura seja o reflexo da vida em palavras, tendo em vista que a palavra “literatura” vem do latim *littera*, que significa “letra”. Entretanto, este conceito é limitador quando se entende Literatura não como uma imitação, mas como uma manifestação artística criativa e comunicativa que ocorre não só através de textos escritos, mas de música, dança, teatro, escultura, pintura, arquitetura e diversas outras artes, a fim de expressar o que entendemos e sentimos enquanto sociedade e indivíduos (BONALD, 1859).

A leitura/escrita literária, no entanto, é a manifestação artística cujo conceito está mais vinculado ao de Literatura e que proporciona o encontro com o outro e com nós mesmos por intermédio da palavra. Por meio de seus significados, intrínsecos ou figurados, os autores procuram colocar nas entrelinhas seus sentimentos, pensamentos e fantasias, pois a Literatura nos permite entender a nós mesmos a partir de uma visão do mundo de outrem (CANDIDO, 1975, p. 23). Trata-se de uma arte que decifra o individual e o social e nos conecta com culturas e singularidades diferentes ou similares às nossas; ela nos permite conhecer a história do mundo ou de pessoas, através de palavras desenvolvidas para criarem um sentido, a fim de nos cativar e nos fazer refletir.

O autor e crítico literário Antonio Candido conceitua a Literatura como formadora do homem:

pois aparece invariavelmente em sua vida, como indivíduo e como grupo, ao lado da satisfação das necessidades mais elementares [...] por via oral ou visual; sob formas curtas e elementares, ou sob complexas formas extensas, a necessidade de ficção se manifesta a cada instante (CANDIDO, 1999, p. 83).

Vê-se a Literatura, portanto, como via de conhecimento que explora a nossa necessidade de compreensão do outro tal qual a de nós mesmos, fazendo com que ela seja essencial enquanto constituição da consciência humana. A Literatura encontra-se nos detalhes do dia a dia e não pertence apenas aos indivíduos adultos e letrados, mas nos cerca e envolve sem exceções.

2.2 LITERATURA E CÂNONE

O termo “cânone” vem da palavra em grego “kanon”, que “designava uma espécie de vara com funções de instrumento de medida”¹ e atualmente é utilizada para determinar o padrão de algo; ou seja, a Literatura canônica é o termo que define as Literaturas valorizadas dentro da cultura social, sendo que ela é que habita os espaços escolares de prestígio e é a partir dela que se mede a qualidade de outras obras literárias.

Esta categoria tomou forma no século XIX, a partir do Romantismo, que elaborou uma teoria e uma história da Literatura brasileira com base na expressão literária do sentimento de nacionalismo.

A primeira geração romântica era composta por autores como Gonçalves de Magalhães, considerado o introdutor do romantismo no Brasil, e Gonçalves Dias, responsável por solidificá-la na nossa Literatura, resgatando elementos de representação universal, mas que contassem com características brasileiras, como a valorização do “índio” e elementos da natureza nacional. O romantismo é considerado uma ruptura dos escritores brasileiros com a superestimação da cultura europeia, em busca de uma construção cultural própria, com base em elementos da

¹ ARTIGO, E-Dicionário de Termos Literários. **CÂNONE**. E-Dicionário de Termos Literários. Disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/canone/#:~:text=O%20termo%20deriva%20da%20palavra>. Acesso em: 05/11/2021.

história, folclore, língua, natureza que fossem capazes de determinar a noção de pátria e de si mesmos, enquanto indivíduos brasileiros.

É preciso olhar para essas obras com cautela e observar o impacto que elas representam para a nossa cultura, dentro do espaço social e temporal na qual foram desenvolvidas, pois “se compreende uma obra quando se identificam as perguntas às quais ela respondeu ao longo da história.” (COMPAGNON, 1998, p. 214). Existem muitas produções literárias revolucionárias dentro do cenário brasileiro que são hoje vistas como produções problemáticas, tais quais: as obras de Monteiro Lobato, que, apesar de serem inegavelmente importantes para a formação e o desenvolvimento da criatividade do leitor de Literatura infantil, principalmente nos anos 1990 e 2000, vem sendo questionada por suas características estereotipadas e racistas.

A Literatura-cânone é composta por livros clássicos que habitam os espaços de prestígio, tanto escolares quanto universitários, devido ao seu valor de grande qualidade histórico-social. O que ocorre é que há uma crença enganosa de que a Literatura clássica é elevada ao ponto de ser intocável, que sua relevância sociocultural a isenta de todas as conotações e pensamentos errôneos que ela ajuda a perpetuar — embora, em determinados casos, seja necessário analisá-las diacronicamente. Desta forma, não é mais possível continuar a repassá-las a novas gerações de leitores ilesas de críticas.

2.3 GÊNEROS TEXTUAIS

Os gêneros textuais, de acordo com Marcuschi, são uma construção teórica linguística, baseada em aspectos que compõem essa área de estudo, entre eles: aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas. No entanto, “caracterizam-se muito mais por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais do que por suas peculiaridades linguísticas e estruturais.” (MARCUSCHI, 2002, p. 1), podendo manifestar-se por via oral ou escrita:

Em suma, pode-se dizer que os gêneros textuais fundam-se em critérios externos (sociocomunicativos e discursivos), enquanto os tipos textuais fundam-se em critérios internos (linguísticas e formais) (MARCUSCHI, 2002, p. 1).

Os gêneros textuais se dividem em cinco principais categorias dentro da tipologia textual, sendo elas: narração, descrição, argumentação, exposição e injunção. As narrativas consistem em contar uma história por meio de personagens e acontecimentos, que acontecem, em sua maioria, por meio de apresentação, desenvolvimento, clímax e desfecho. Fazem parte dessa categoria: romances, novelas, contos de fadas, crônicas, lendas e fábulas.

Os textos narrativos são o foco principal dessa análise, uma vez que suas características literárias são as que melhor se aplicam a nossa discussão sobre Literatura. Por meio deles os autores são capazes de criar histórias que afetem seus leitores, proporcionem emoções e reflexões a partir de um enredo criativo e bem estruturado.

Segundo Marcuschi (2002, p. 1), “os gêneros textuais surgem, situam-se e integram-se funcionalmente nas culturas em que se desenvolvem.”. Como visto anteriormente, eles são bem diversificados e estão sempre se adaptando às novas formas de comunicação, suprimindo as demandas que surgem, principalmente, com o avanço das novas tecnologias e as conexões que essas oferecem. As nossas formas de comunicação adaptam-se naturalmente ao passo que a sociedade evolui, independentemente dos espaços educacionais reconhecê-las e aderi-las oficialmente ou não.

2.4 FANFIC

Os termos “fanfiction”, “fanfic” ou “fic” vêm da palavra em inglês fanfiction, que é uma junção de duas palavras, sendo elas: fan, do inglês, “fã” e fiction, do inglês, “ficção”. Fanfic é um gênero literário muito popular entre adolescentes e jovens adultos e, como a própria palavra sugere, trata de histórias de cunho fictício. Entretanto, o gênero não é apenas fictício, mas uma categoria desenvolvida por

fandoms (grupos de fãs que compartilham de um interesse por uma história ou indivíduos em comum) e autores anônimos que escrevem e reescrevem suas histórias favoritas, sejam elas baseadas em séries, filmes, novelas, livros, bandas e diversos artistas. Uma das definições mais completas caracteriza a fanfic como:

uma história escrita por um fã, envolvendo cenários, personagens e tramas previamente desenvolvidos no original, sem que exista nenhum intuito de quebra de direitos autorais e de lucro envolvidos nessa prática. Os autores de fanfictions dedicam-se a escrevê-las em virtude de terem desenvolvido laços afetivos tão fortes com o original, que não lhes basta consumir o material que lhes é disponibilizado, passando a haver a necessidade de interagir, interferir naquele universo ficcional (VARGAS, 2005, p. 21).

Ampliando esse conceito, a *fanfic* é a conexão necessária encontrada por fãs de diversas franquias e pessoas para manterem vivo seu vínculo afetivo com determinado personagem ou história, seja por meio da leitura do material derivado do original disponibilizado por outros fãs ou da escrita de sua própria autoria.

As *fanfic* são divididas em dois segmentos, sendo eles o *Canon* e o *Fanon* (JENKINS, 2006, s/p). O *canon* acontece quando o autor decide ser o mais fiel possível à história original, não só respeitando as características dos personagens principais, mas seguindo a mesma linha narrativa da qual a sua *fanfic* é derivada. Ou seja, elementos verídicos são utilizados para levar mais credibilidade à sua escrita.

A *fanon*, por sua vez, é a manifestação mais autônoma dos autores. Embora possa se basear em características previamente definidas pelo criador, exploram espaços, universos alternativos e casais diferentes do original, por vezes utilizando de detalhes mínimos do produto primário para legitimar sua perspectiva. Os dois principais objetivos das *fanons* são desenvolver histórias que o texto originário não foi capaz de abordar: explorando a sexualidade de personagens e/ou reparando acontecimentos com os quais a audiência discorda, como por exemplo, a morte de um personagem querido ou um casal que, por algum motivo, não ficou junto ao fim daquela obra.

Apesar de ter se popularizado nos anos 90, com o crescimento da internet, através de fóruns e diferentes *sites* de relacionamento onde os fãs encontraram um

meio de compartilhar sua paixão pelos mesmos assuntos, em *A Brief History of Media Fandom* (2006) a autora Francesca Coppa indica a presença de narrativas impressas em revistas desde os anos de 1920. Entretanto o termo “*fanfiction*” apareceu pela primeira vez a partir de *fanzines* — revistas que circulavam entre fãs, abordando determinados filmes e séries da década de 1960 e que passaram a incluir narrativas de fãs derivadas dessas histórias.

Alguns estudiosos vão ainda mais longe e defendem que o gênero já existe há muito tempo, pois grandes clássicos da Literatura mundial poderiam ser considerados *fanfics*. No artigo *Fanfiction Is a Valid Literary Genre, and Here's Why* (2020) o historiador Cat Webling defende que o clássico *Eneida*, escrito por Virgílio, no século I a.C., se encaixaria perfeitamente no gênero literário *fanfic*, tendo em vista que a obra é considerada uma sequência não oficial da *Ilíada*, de Homero, lançada no século VII a.C. A epopeia de Virgílio narra os acontecimentos na vida do troiano, Eneias, após a queda da cidade de Tróia, evento original presente no poema épico de Homero.

O autor romano busca superar o poeta grego e escrever o poema épico mais perfeito de todos os tempos, característica semelhante a um dos principais elementos do gênero *fanfic*, que utiliza fatores de uma história a fim de criar uma ainda melhor, de acordo com os valores e interesses do próprio escritor. Ainda assim, tal fator não impede que o poema épico de Virgílio seja considerado um clássico da Literatura mundial, nem desvaloriza seu valor literário, histórico e cultural, uma vez que a obra é elemento imprescindível na ementa dos cursos de Letras, por exemplo.

No Brasil, as *fanfics* tomaram espaço através da saga *Harry Potter* (VARGAS, 2005, p. 8), uma das maiores inspiradoras do gênero textual nos anos 2000. Desde então, podem-se encontrar *fanfics* que abordam temas populares da cultura brasileira, como as novelas e, até mesmo, *fanfics* que contam histórias derivadas do clássico de Machado de Assis, *Dom Casmurro*², a partir da perspectiva de Capitu,

² SPIRIT TECNOLOGIA LTDA. **Dom Casmurro**. Spirit Fanfics e Histórias. Disponível em: <https://www.spiritfanfiction.com/categorias/dom-casmurro?terminada=sim>; acesso em: 05/06/2021.

preenchendo a lacuna sobre a grande incógnita da obra: Capitu traiu ou não traiu Bentinho?

A Literatura da *fanfic* é extremamente complexa e abrange diversas vertentes exploradas por fãs mundo afora, em plataformas desenvolvidas especificamente para essa modalidade ou em qualquer lugar que seja possível se comunicar. O *website* www.fanfiction.net, criado em 1998, conta com mais de 12 milhões de usuários e histórias em mais de 40 línguas, e o aplicativo *Wattpad*, lançado em 2006, são alguns desses veículos de mediação criados para apoiar e incentivar escritores amadores e profissionais a publicar e disseminar suas obras para o seu público, por meio de *hashtags* e palavras-chave que os direcionam até o assunto de seu interesse. Vê-se, portanto, que este é um gênero muito cativante e adaptável a diferentes culturas e públicos.

2.5 SUBJETIVIDADE

Etimologicamente, a palavra “subjetividade” vem de “sujeito”; o dicionário define a subjetividade como “Qualidade do que expressa pontos de vista e julgamentos de valor da própria pessoa, seus sentimentos e preferências”³. Na filosofia, por sua vez, é tida como o “Estado psíquico e cognitivo do sujeito cuja manifestação pode ocorrer tanto no âmbito individual quanto no coletivo, fazendo com que esse sujeito tome conhecimento dos objetos externos a partir de referenciais próprios.”. É deixar-se ser afetado por objetos que conversem com suas experiências e refleti-los a partir do que representam para si.

Para Freud, o inconsciente é uma condição determinante na constituição da subjetividade. Ao contrário do que se acreditava até então, o psicanalista divide a psique humana em dois segmentos: consciente e inconsciente e, a partir disso, defende que o inconsciente não é uma forma incoerente de agir e pensar, mas caracteriza-o “como uma instância psíquica marcada por uma particular maneira de operar, regulado por leis diferentes daquelas ordenadoras da consciência.”

³ Dicio.. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/subjetividade>. Acesso em: 06/06/2021.

(TOREZAN e AGUIAR, 2011, p. 531). Nada acontece por acaso, pois o sistema subjetivo não é um caos indecifrável; e esta concepção de subjetividade, como um sistema com regras e padrões próprios, revolucionou a maneira de entender o indivíduo e seus afetamentos.

Foucault abordou em sua palestra *O Que é um Autor?* (1969) sobre o controle da interpretação na Literatura, filosofia essa que perdura desde o início da modernidade até os dias de hoje. Segundo o filósofo, existe uma padronização de identificação, onde a criação subjetiva é censurada em prol de favorecer uma consciência de massa que não se preocupa com a individualidade de cada um, mas com que os indivíduos se encaixem em um molde homogêneo de pensar, de ser e de sentir. Há uma inversão de valores cultivados por aqueles que obtêm os mecanismos de poder, pois as criações, em geral, não são mais desenvolvidas para alcançar e dialogar com diferentes perspectivas, mas passam a incentivar uma necessidade de moldar-se a algo já posto e estimado socialmente. A partir disso, Foucault (1969) defende que a compreensão da linguagem é uma ferramenta de resistência ao poder.

2.6 AFETIVIDADE

De acordo com o Dicionário, afetividade é um adjetivo “1 - Que diz respeito à afetividade, aos sentimentos; 2 - Que possui afeição ou características afetuosas; 2 - Refere-se aos sentimentos ou às afeições.”⁴ Pode-se dizer, portanto, que a afetividade não está necessariamente ligada a um sentimento amoroso, mas à possibilidade de ser afetado por algo. A partir dos estudos do filósofo Henri Wallon, Fernanda Salla (2011)⁵ define a afetividade como a “capacidade do ser humano de ser afetado positiva ou negativamente tanto por sensações internas como externas”.

⁴ Dicio. Disponível em: <https://www.dicio.com.br>. Acesso em: 06/06/2021.

⁵ REVISTA, Nova escola. **O conceito de afetividade de Henri Wallon**. Nova Escola.

Disponível em:

<https://novaescola.org.br/conteudo/264/0-conceito-de-afetividade-de-henri-wallon>. Acesso em: 02/06/ 2021.

Filósofos estimados no mundo da educação, como Jean Piaget e Lev Vygotsky, abordaram o grande impacto que a afetividade tem no processo evolutivo humano, principalmente durante suas diversas fases de desenvolvimento. Entretanto, foi o educador Henri Wallon que, a partir do estudo da psicanálise, explorou a significância de tal conceito, ao incluí-lo nas seguintes categorias psíquicas: motora, afetiva e cognitiva. Nesta definição, não há uma hierarquia no grau de relevância no desenvolvimento do indivíduo, mas um entrelaçamento, pois uma atividade integralmente impacta o progresso da outra. No livro *Henri Wallon: Uma Concepção Dialética do Desenvolvimento Infantil*, a autora explica que o filósofo defendia que "apesar de alternarem a dominância, afetividade e cognição não são funções exteriores uma à outra. Ao reaparecer como atividade predominante, uma incorpora as conquistas da anterior" (GALVÃO, 2000, p. 31 e 32).

O filósofo divide, ainda, a manifestação da afetividade em três categorias, sendo elas: a emoção, o sentimento e a paixão. De acordo com Wallon, elas aparecem durante toda a vida do indivíduo, revelando-se de acordo com o grau de maturidade e evolução emocional de cada um. Porém, ele defende que a emoção é a função que melhor expressa a afetividade, pois, apesar de não serem sinônimas, estas ocorrem de maneira mais orgânica.

Na linguística, ainda segundo o Dicionário, a afetividade é classificada como "texto, narrativa, discurso ou tipo de expressão linguística em que os sentimentos do escritor ou do interlocutor se infiltram na sua linguagem ou na comunicação de suas ideias." Partindo dessa perspectiva, acredita-se que a Literatura traz a possibilidade de afetamento, ou seja, a capacidade de se envolver com narrativas que causem algum tipo de desconforto ao leitor e/ou ao escritor, que o instiguem a buscar mais sobre determinada história.

3. QUAIS OS FATORES QUE CATIVAM O JOVEM LEITOR AO GÊNERO FANFIC E COMO EXPLORÁ-LOS?

3.1 A LITERATURA COMO FORMADORA SOCIAL

A Literatura é a arte da resistência e da liberdade, via de questionamento de assuntos que eram ou são tabus e que, por conseguinte, é constantemente alvo de censura. Seja em 1933, quando os livros eram queimados pelos nazistas como forma de apagamento da história e cultura de um povo ou, mais recentemente, em 2019, quando o ex-prefeito da cidade do Rio de Janeiro, Marcelo Crivela, tentou proibir a venda de uma HQ⁶, alegando que o conteúdo (uma cena de beijo entre homens) era inapropriado, de acordo com sua visão conservadora e religiosa.

O domínio da consciência cognitiva, principalmente no que diz respeito à linguagem, tornou possível a perseverança de diversas obras diante dessas atrocidades, seja por uma conscientização coletiva, que acionou a justiça a providenciar medidas anticensura no caso do livro da Bienal, ou, até mesmo, pela capacidade subjetiva e aberta à interpretação que manteve a Literatura segura por vezes. Um grande exemplo desta resistência são as músicas produzidas no período da ditadura do Brasil, entre os anos 1960 e 1980, que enfrentavam o regime contando e cantando histórias de duplo sentido e mensagens ocultas, bem articuladas pela composição inteligente dos significados, tal qual *O Bêbado e a Equilibrista*, de João Bosco e Aldir Blanc; *Alegria, Alegria*, de Caetano Veloso; e *Jorge Maravilha*, de Chico Buarque, entre outras.

A Literatura é um dos principais alvos de ataque por determinadas instituições de poder que tentam padronizar e alienar indivíduos, pois ela inspira reflexões e indagações individuais e coletivas que são reprovadas por vertentes conservadoras, capitalistas e ditatoriais, por conflitar com seus interesses. Desta forma, o acesso a uma Literatura plural como via de construção do pensamento

⁶ Vingadores: A Cruzada das Crianças (2012)

crítico está sempre em perigo, pois ao limitarem o acesso à educação é que esses grupos são capazes de manter sua hierarquia social.

Segundo Chalita (2003, p. 10), “a literatura infantil é uma valiosa ferramenta para pensar a existência, compreender sentimentos às vezes não tão nobres, que integram o ‘humano’”. A leitura, desde a mais tenra idade, pode proporcionar experiências sensoriais, sinestésicas e sentimentais, apenas manifestando-se de maneiras e proporções diferentes de acordo com a subjetividade de cada um, não só etária, mas, acima de tudo, identitária.

Desta maneira, entende-se Literatura como um trabalho imaginativo com as palavras, que exige envolvimento dos sentidos; por isso, nos emocionamos e somos tão afetados lendo e ouvindo histórias e, por vezes, passamos tanto tempo discutindo e refletindo sobre elas. Nosso conhecimento de mundo, nossas próprias histórias e memórias, enfim, podem nos levar a uma compreensão divergente ao interpretar determinado texto, podem nos fazer questionar sobre o que sentimos, pensamos e somos. A Literatura pode nos dizer muito sobre o outro, mas, principalmente, nos revelar muito sobre nós mesmos, seja nos fazendo confrontar com o que acreditamos e sentimos, ou o porquê de algo nos ser indiferente.

Portanto, pensemos no leitor como um participante ativo do texto, acrescentando nele sua subjetividade de tal modo que a obra literária “só pode realmente existir quando o leitor lhe empresta elementos de seu universo pessoal.” (LANGLADE, 2013, p. 35). Reflitamos, ainda, sobre qual é a importância da coparticipação entre leitor/autor na construção de um texto, sabendo que “identificar-se, durante a experiência de leitura, não é encontrar um espelho no texto; é deixar-se revelar pelo texto e ser construído por ele.” (SOUZA, 2017, p. 164).

O educador Bayard (2002) defende que a leitura literária acontece a partir do momento em que o texto ganha vida, não ao ser lido, mas ao ser interpretado pelo interlocutor. Como leitores conscientes, emprestamos a estes textos características nossas, afetando e nos deixando ser afetados por tal narrativa ao ponto de decodificá-la em forma de sentido; por isso, Rouxel (2013, p. 82) afirma que a “subjetividade dá sentido à leitura.”. São as nossas reações ao texto que nos permitem refletir sobre eles e ressignificá-los, a partir daquilo em que acreditamos.

Ou seja, a subjetividade é um fator imprescindível para uma Literatura de resistência.

A interpretação não é algo hierárquico ou mesmo uma disputa na qual o autor e o leitor concorrem para obterem o poder; mas é, sim, uma relação dialógica, na qual consciências diferentes entram em contato. É uma construção dual, mas que ocorre em negociação individual sobre o quanto deste texto é resgate, o quanto é construção e o quanto é descarte, pois o “texto só existe pelo ato de constituição de uma consciência que o recebe.” (ISER, 1976, p. 49). Sendo assim, há uma coautoria enquanto a construção de pensamento e de sentido que, em última instância, dá-se a partir do consentimento do leitor.

Dessa forma, a grande incógnita dentro do espaço literário, seja por parte dos autores ou professores, sempre foi qual a forma mais eficiente de criar essa conexão com a subjetividade de cada um, tendo em vista que existe uma variedade de temas e que é impossível agradar a todos. Quando se trata dos indivíduos que estão em fase escolar e mantêm contato regular com a Literatura, a preocupação é ainda maior, pois esses precisam ser levados em consideração quando pensamos nas temáticas a serem trabalhadas.

Na primeira infância, o afeto é um fator crucial para ampliar o conhecimento da criança e estimulá-la a se desenvolver. São as atividades que causam algum tipo de afetamento — negativo ou positivo — que geram uma reação e, portanto, seu progresso cognitivo e humanitário. Quando os leitores estão experimentando o seu primeiro contato voluntário com a Literatura, há uma grande preocupação com a Literatura afetiva; uma Literatura que converse com sua idade, suas características e que os motive o suficiente para se engajarem naquela narrativa:

Na Educação Infantil, a imersão na cultura escrita deve partir do que as crianças conhecem e das curiosidades que deixam transparecer. As experiências com a literatura infantil, propostas pelo educador, mediador entre os textos e as crianças, contribuem para o desenvolvimento do gosto pela leitura, do estímulo à imaginação e da ampliação do conhecimento de mundo (BNNC, 2017, p. 40).

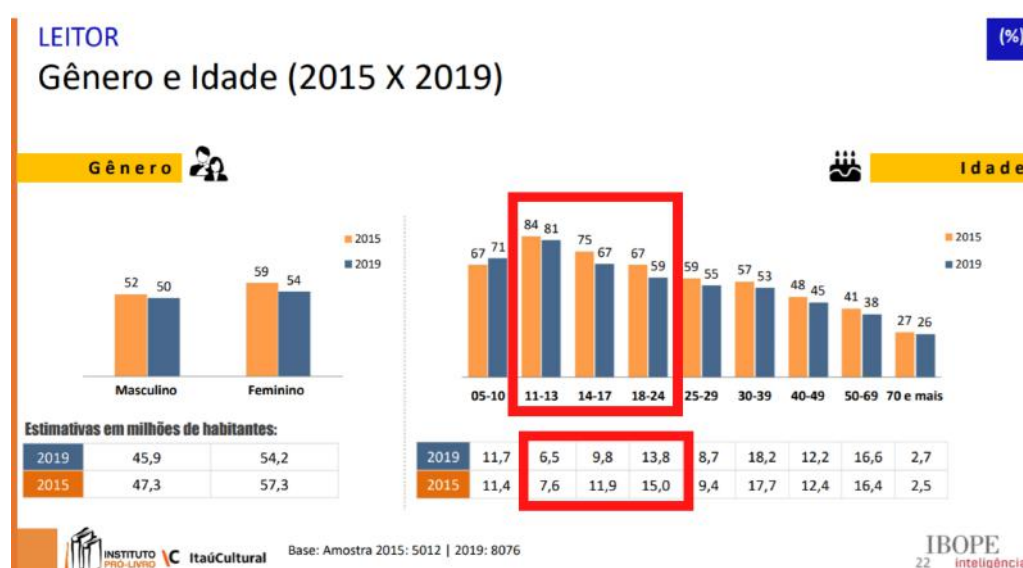
Entretanto, percebe-se que, ao mesmo tempo em que esses leitores evoluem, a Literatura para de habitar este espaço de prazer e é substituída por uma

obrigação escolar, na maior parte do tempo, causando uma associação negativa com a arte. Um dos objetivos do presente trabalho é investigar por que isto acontece, e lançar luzes sobre possíveis metodologias para resgatar o apreço à leitura pelas novas gerações, educadas em telas, virtualidades e redes de escritas colaborativas.

3.2 CULTURA ERUDITA X CULTURA POPULAR

É preciso desmistificar esse dito fato de que “adolescentes e jovens adultos não gostam de ler”, quando temos dados que mostram que isso está longe de ser verdade em nosso país. A pesquisa chamada *Retratos da Leitura no Brasil*, de 2019 — o mais amplo estudo sobre o tema, realizado pelo Instituto Pró-Livro a cada quatro anos —, revelou em dados que esse crença comum é, na verdade, uma grande falácia, pois crianças e adolescentes concentram as maiores proporções de leitores na população. Na faixa de 5 a 10 anos, 67% são leitores. O topo do índice está na faixa de 11 a 13 anos, com 84%, e diminui para 75% entre os jovens de 14 a 17 anos. A partir dos 18 anos, a taxa de leitores cai continuamente, até ser ultrapassada pela proporção de não leitores na faixa de 40 a 49 anos, em que 52% da população se declara como não leitora.

Figura 1



5ª Edição – Retratos da Leitura no Brasil (2019, p. 22)
[Destaques em vermelho feitos para essa análise]

Os dados tornam-se ainda mais alarmantes quando analisamos um dos gráficos trazido pela pesquisa e que revela o declínio de “leituras de livros indicados pela escola”, entre os anos de 2015 e 2019. Entretanto, em comparação ao avanço que tinha sido feito em 2015, o interesse, de modo geral, por leitura indica estar comprometido. Confira:

Figura 2




4ª Edição – Retratos da Leitura no Brasil (2015, p. 25)
[Destaques em vermelho feitos para essa análise]

Figura 3

PRINCIPAL MOTIVAÇÃO PARA LER UM LIVRO por Faixa Etária

(%)

2019	TOTAL	FAIXA ETÁRIA									
		5 a 10	11 a 13	14 a 17	18 a 24	25 a 29	30 a 39	40 a 49	50 a 59	70 e mais	
Base: Leitores	4270	437	255	388	587	398	760	581	739	125	
Gosto	26	48	33	24	17	22	22	23	25	10	
Crescimento pessoal	17	6	11	13	21	22	21	25	14	9	
Distração	14	11	15	22	17	11	12	9	13	17	
Atualização cultural ou Conhecimento geral	13	4	9	10	14	14	16	15	16	16	
Aprender algo novo ou desenvolver alguma habilidade	11	13	18	18	13	16	7	6	8	18	
Motivos religiosos	9	2	1	2	5	6	12	12	20	23	
Exigência escolar ou da faculdade	4	12	11	10	5	4	1	1	1	0	
Atualização profissional ou exigência do trabalho	4	0	1	1	9	5	7	7	3	1	
Não sabe/Não respondeu	1	4	0	1	0	0	0	1	1	5	



INSTITUTO

Itaú Cultural

P.35) Qual é a principal razão para o(a) sr(a) ler? Escolha somente uma opção.



INSTITUTO PRO-LIVRO ItaúCultural

P.35) Qual é a principal razão para o(a) sr(a) ler? Escolha somente uma opção.

IBOPE
45 inteligência

5ª Edição – Retratos da Leitura no Brasil (2019, p. 45) [Destaques em vermelho feitos para essa análise]

Embora tenha havido um declínio na leitura por prazer na faixa etária entre adolescentes e jovens adultos entre 2015 e 2019, esse grupo ainda continua lendo mais por vontade própria do que por obrigação com o currículo escolar, como mostram os dados acima.

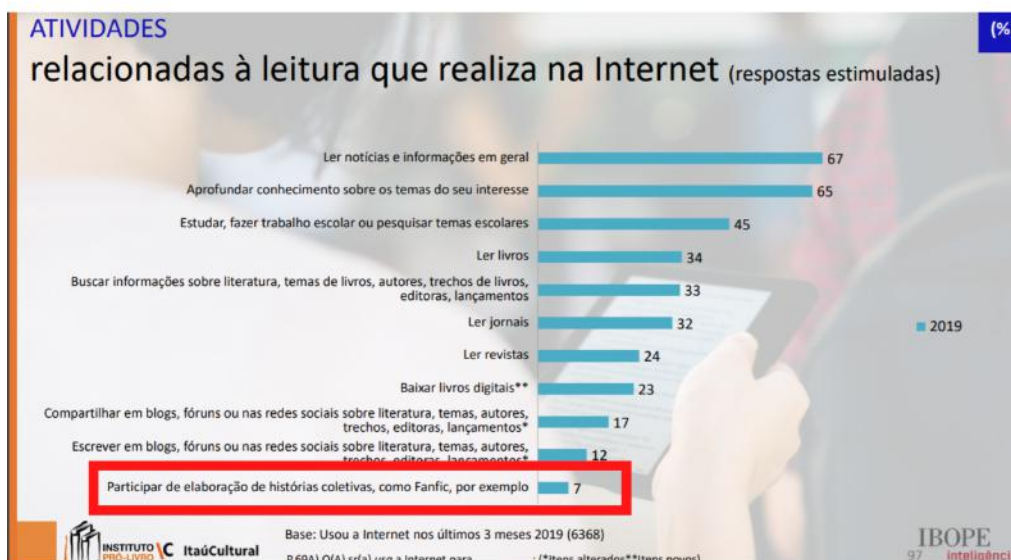
Em contraponto, contato dos leitores com as *fanfics* no ano último ano da pesquisa apresentou um aumento de 5% em relação a 2015, o que significa que, o gênero tem se mostrado mais relevante entre as pessoas, mesmo que não tenha o suporte escolar como veículo de mediação dessa manifestação textual. Confira:

Figura 4



4ª Edição – Retratos da Leitura no Brasil (2015, p. 104)
[Destaques feitos para essa análise]

Figura 5



5ª Edição – Retratos da Leitura no Brasil (2019, p. 97)
[Destaques feitos para essa análise]

Em entrevista à Folha de São Paulo (2019), o doutor em Letras e professor de Literatura brasileira na Unesp, João Luís Ceccantini, discutiu sobre os fatores

que contribuem para esses dados, reforçando o fato de que os jovens gostam de ler; o problema é que não acreditam que a Literatura convencional é para eles, porque é a isso que são levados a pensar dentro do espaço escolar: “Nunca vou ser contra a leitura de obras canônicas, mas há um divórcio muito grande entre cultura de massa e cultura erudita.”⁷. O que contribui para que isso aconteça é a marginalização da Literatura popular que, de fato, instiga tais leitores, seja através das *fanfics* ou dos *best sellers*. Tais produções, por serem consideradas sublitteratura pela academia, também não têm espaço dentro das instituições escolares, muitas vezes causando o rompimento permanente do laço afetivo do aluno com os livros ou criando uma aversão às propostas de leitura escolarizada.

Em termos gerais, temos uma dicotomia perversa no campo da cultura, separado em duas vertentes: a clássica e a popular. A cultura clássica é aquela que habita os lugares de prestígio, ou seja, está nos melhores museus, nos mais respeitados teatros, é produzida pelas maiores editoras, destacada nas principais bibliotecas, estudada nas mais conceituadas instituições de ensino — e, via de regra, diz respeito à cultura de exclusividade. Ao passo que a cultura popular é aquela que precisa reivindicar seu espaço, seja em rodas de conversas, eventos em lonas culturais, projetos de extensão, sedes de escolas de samba, centros culturais independentes ou até mesmo praças e outros lugares abertos. Os termos procuram ditar o que é considerado cultura e o que não é, pois, dentro desses espaços de prestígio, cultura popular seria aquilo que não é cultura erudita, ou seja, é a cultura do não pertencimento. No entanto, ela diz respeito também aos elementos sociais de nações, regiões e povos cujas manifestações artísticas e culturais produzem impacto social e os unem por meio de suas características em comum, ao mesmo tempo que os distinguem de outros grupos.

O professor e linguista James Paul Gee discorre sobre as culturas de massa ou culturas informais de aprendizado, denominadas por ele como “espaços de

⁷ SOMBINI, Eduardo. Jovens leem mais no Brasil, mas hábito de leitura diminui com a idade. Folha de S.Paulo. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/seminariosfolha/2019/09/jovens-leem-mais-no-brasil-mas-habito-de-leitura-diminui-com-a-idade.shtml?origin=folha#>>. Acesso em: 10/06/2021.

afinidades”, defendendo maior capacidade de aprendizado dos leitores quando participam mais efetivamente do que leem, o que acontece no âmbito da cultura popular, mas é limitado dentro dos conteúdos dos livros didáticos. Ainda segundo Gee, os espaços de afinidade são ferramentas poderosas de aprendizado, porque acontecem por meio de fontes mais acessíveis, onde a hierarquização sistêmica não existe, mas, sim, uma cooperatividade e colaboração para aprimorar um interesse comum, de acordo com as habilidades de cada um ou, até mesmo, por apoio e incentivo. Isso acontece porque, uma vez

dentro desses espaços de afinidade, as pessoas estão comprometidas em ajudar umas as outras a aprender, a produzir, independente da idade, lugar de origem, credenciais formais, ou nível de conhecimento (GEE, 2018, Revista Kappan).

O que indica, que, ao terem mais autonomia para participar ativamente das obras que estão lendo, esses grupos aprofundam seu engajamento, não só assegurando que a leitura seja feita por completo, mas que haja um progresso a partir do que foi discutido, quer seja o desenvolvimento emocional ou intelectual desses leitores.

3.3 FANFIC: UM GÊNERO TEXTUAL LEGÍTIMO

As *fanfics* têm sua ascensão dentro desses espaços de afinidades, agindo como ponte facilitadora e um lugar de refúgio para onde essas pessoas sabem que podem se voltar, quando buscam uma conexão mais profunda com algo com o qual se importam. Esse gênero literário criou a possibilidade de inserção dos interesses subjetivos de cada um, dentro de seus textos, criando nichos específicos que podem ser explorados por ambos, produtores e entusiastas.

Como vimos anteriormente, os gêneros textuais são socioculturalmente adaptáveis. Não somos nós quem precisamos nos encaixar nessas classificações, são elas que precisam ser úteis à nossa necessidade de comunicação diária. No entanto, por que a crônica e carta são consideradas gêneros de prestígio e ainda são ensinadas em sala de aula, mesmo que não façam parte do cotidiano dos

alunos, enquanto a *fanfic*, muito mais presente nas suas realidades, é completamente ignorada? A pergunta procede, se examinarmos a questão incômoda levantada pelos usos e não usos dos novos gêneros em sala de aula. Segundo Marcuschi, “tem-se a oportunidade de observar tanto a oralidade como a escrita em seus usos culturais mais autênticos sem forçar a criação de gêneros que circulam apenas no universo escolar.” (MARCUSCHI, 2002, p.16). Acredita-se que a rejeição com relação a esse novo gênero acontece, principalmente, por um motivo: a *fanfic* oferece inclusividade, ao passo que, atualmente, cultiva-se a cultura do não pertencimento, mesmo em instituições que, como a escola, deviam se abrir ao debate democrático e inclusivo das mais variadas formas de expressão e experimentação leitora.

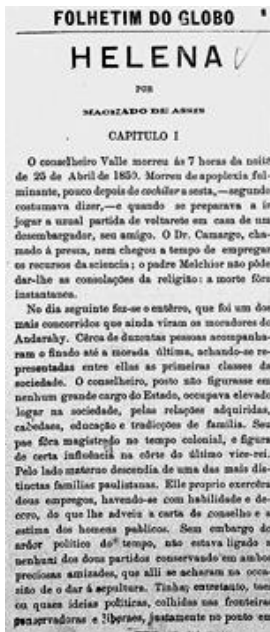
Quais seriam, portanto, os elementos que nos levam a reivindicar o espaço da *fanfic* como gênero textual válido para ser trabalhado na sala de aula? A *fanfic* faz parte dos gêneros textuais do tipo narrativo, pois apresenta alguns dos aspectos principais para se classificar como tal. A partir desse princípio, é preciso se basear no estudo de Bakhtin em seu estudo *Os gêneros do discurso* (1997), que falava na “transmutação dos gêneros e na assimilação de um gênero por outro”, gerando novos. Ou seja, a *fanfic* é uma espécie de romance, mas tem suas próprias características, que a separam do gênero tradicional. Os principais fatores utilizados no desenvolvimento de uma narrativa em forma de romance são: ação, lugar onde ocorre, tempo em que acontece, personagens que a realizam, uma trama e a perspectiva do narrador — fatores que também compõem as narrativas em *fanfic*.

A diferença entre os gêneros, pode-se dizer, não ocorre pela forma, mas pela função que cada uma delas exerce. Enquanto o romance procura dar vida a uma nova história, a *fanfic*, em sua forma mais original, tende a dar continuidade a uma história ou universo já pré-existente. Outro fator que também difere esses gêneros, dá-se pelos espaços onde ocorrem, pois “haverá casos em que será o próprio suporte ou o ambiente em que os textos aparecem que determinam o gênero presente.” (MARCUSCHI, 2002, p. 2). As narrativas em romance, em sua formulação mais tradicional, dominam os livros, ao passo que as *fanfics* ocupam as plataformas digitais – o que acaba sendo um dos principais motivos para a desvalorização do gênero dentro dos espaços de prestígio e a negação dele como

Literatura e formação cultural. Mas, por que isso acontece? Precisamos voltar um pouco à origem da Literatura brasileira para entender melhor esse processo.

Muitos clássicos da Literatura brasileira e mundial não eram publicados como livro, mas surgiram em folhetins de jornais — veículo de comunicação mais popular da época. Em meados do século XIX, a democratização do acesso aos bens culturais passava a se tornar realidade em território brasileiro, por meio da divulgação de notícias e de certa produção literária, mediante a ascensão e a popularização de jornais e revistas — colaborando para o desenvolvimento de uma cultura laica, já que, até então, era a igreja católica que controlava o conhecimento. O folhetim não era um gênero literário, mas a parte do rodapé da primeira página de um jornal onde publicavam-se novelas (romances diários). Autores como Gustave Flaubert e Alexandre Dumas, escritores dos romances franceses *Madame Bovary* e *Os Três Mosqueteiros*, e os brasileiros Machado de Assis e Joaquim Manuel de Macedo, autores de *Helena* e *A Moreninha*, respectivamente, responsáveis por obras formadoras culturais do que é conhecido como Literatura de qualidade, são alguns dos escritores que utilizaram os mecanismos da época para produzir seus conteúdos e levarem Literatura aos cidadãos.

Figura 6



Primeiro Capítulo de **Helena** – livro de Machado de Assis publicado originalmente em folhetim a partir de 6 de agosto de 1876, no jornal carioca **O Globo**.

Figura 7



Os Três Mosqueteiros – livro de Alexandre Dumas, publicado originalmente em folhetim a partir de março de 1844, no jornal parisiense **Le Siècle**.

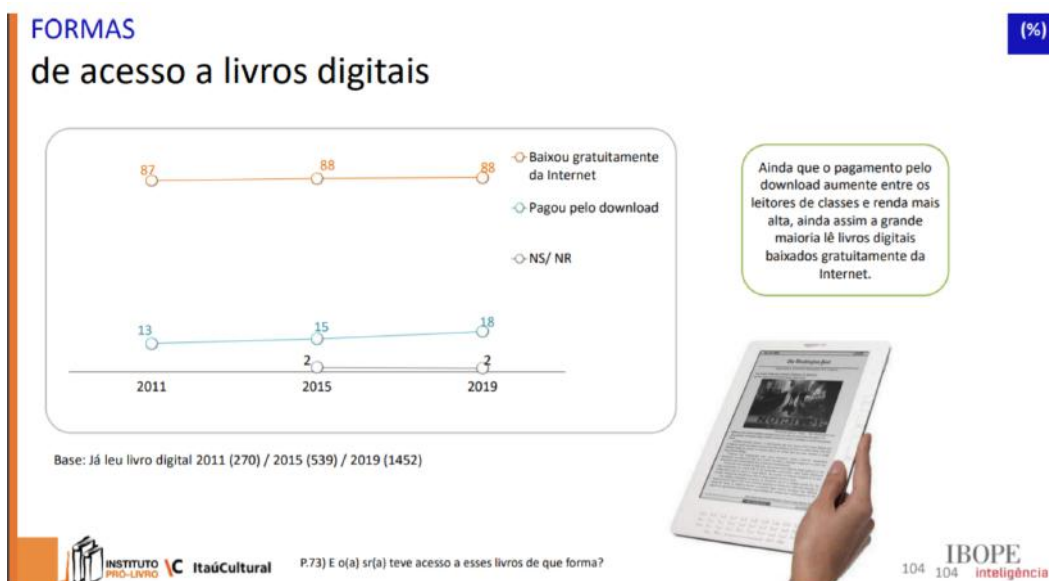
Posteriormente, quando esses romances faziam sucesso no jornal, eram publicados em formato de livro, legitimando o seu valor cultural, como a instância mais elevada da Literatura. Na época, Machado de Assis considerava o jornal um instrumento mais democrático de produção e difusão de cultura:

literatura quotidiana, no dito de um publicista contemporâneo, é reprodução diária do espírito do povo, [...] onde se reflete, não a ideia de, um homem, mas a ideia popular, esta fração da ideia humana (ASSIS, 1859, s/p).

O escritor considerava o jornal uma maneira mais democrática de se pensar Literatura, pois o livro não proporcionava as mesmas oportunidades de discussão e reflexão que os romances em folhetim, por serem mais acessíveis, propiciavam.

Com base nessa perspectiva, não é de se surpreender que, mediante o avanço da internet, as pessoas mudem seus meios de comunicação e adaptem antigos costumes a essa nova realidade. Atualmente, temos muito mais livros clássicos sendo facilmente veiculados e ao alcance das pessoas com a economia gerada por programas de suporte como *Kindle*, PDF ou até mesmo bibliotecas virtuais. Ninguém ousaria dizer que as obras de Machado de Assis ou Clarice Lispector perdem seu valor porque se adaptaram a essa nova realidade de compartilhamento de textos em suporte virtual.

Figura 8



5ª Edição – Retratos da Leitura no Brasil (2019, p. 104)
[Destaques feitos para essa análise]

A internet não permite só o surgimento de novos gêneros, mas a veiculação mais democrática de textos que existiam antes do seu surgimento, indo ao encontro do que os jornais propiciavam, a exemplo do contexto de produção dos folhetins.

3.4 O VALOR SOCIOCULTURAL DA FANFIC

O acesso democrático à Literatura é desconsiderado pela elite, porque é de seu interesse segregar e limitar o acesso ao conhecimento. Isso se dá de três formas: o que é publicado, quem é publicado e como é publicado, ou seja, selecionando elementos que cultuam a elite conservadora patriarcal e branca e tudo o que lhes diz respeito. Dessa maneira, o livro passou a ser símbolo associado à sabedoria. Pessoas que leem mais ou possuem uma coleção de livros físicos são, automaticamente, consideradas pessoas cultas. O que não é verdade. Até mesmo ser considerado “culto” diz respeito a cultuar elementos culturais padronizados — aqueles que são socialmente legitimados e considerados dignos de serem passados adiante.

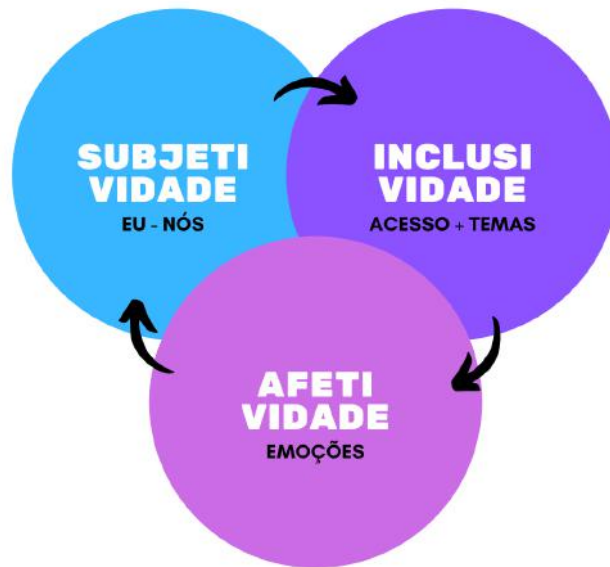
A questão, no entanto, não é negar os clássicos da nossa Literatura, mas perceber o valor das novas histórias que surgem e como elas podem contribuir para

uma revolução literária, entendendo que “negar a fruição literária é mutilar a nossa humanidade.” (CANDIDO, 1995, p. 186). Uma pesquisa de 2019, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mostrou que cerca de 82,7% dos domicílios brasileiros têm acesso à internet; em contrapartida, outra pesquisa, feita em 2018 pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), mostra que 55% das escolas brasileiras não têm biblioteca ou sala de leitura. Isto posto, pode-se concluir que, atualmente, a internet é um veículo mais democrático de acesso à cultura e ao conhecimento. Muitas instituições já optam por trabalhar os livros literários presentes na grade curricular disponibilizando-os em forma digital para os alunos, mas isso não é o suficiente para prender o interesse da maioria dos jovens.

O Professor Bronwen Thomas, autor de *What Is Fanfiction and Why Are People Saying Such Nice Things about It??* (2011), com base em seus estudos, define o surgimento da *fanfic* em três principais teorias: a primeira diz respeito a uma rebelião inspirada na filosofia Marxista, com o surgimento de contranarrativas mercantis; a segunda, inspirada nas teorias de Foucault, que tentam explicar como as novas mídias uniram os fãs a ponto de eles criarem sua própria estrutura hierárquica; e a terceira diz respeito a como as *fanfics* contribuem culturalmente a medida que promovem narrativas fora dos padrões, gerando histórias e reflexões inovadoras.

E é assim que as *fanfics* proclamam o seu espaço no cotidiano dos jovens de hoje. A inclusão do gênero manifesta-se tanto pela forma acessível como é veiculada, como pela variedade de temas abordados. Os três pilares que constituem a *fanfic* como um gênero textual significativo são: afetividade, subjetividade e inclusividade:

Figura 9



*Os três pilares do gênero fanfic.
[Interseção produzida pela autora para este trabalho.]*

A afetividade diz respeito a tudo aquilo que é capaz de nos causar alguma reação, independentemente de ser positiva ou não. Ela reflete no indivíduo aquilo que ele é e sente. E nos leva à subjetividade, que é aquilo que constitui cada um de nós como indivíduos únicos: nossos pensamentos, ideias, emoções etc. — enfim, o que é perceptível e o que não é, até mesmo para nós mesmos — e como isso se manifesta na interação com o outro. A inclusividade é o resgate da nossa subjetividade. Com base nos estudos de Cândido, Rouxel e Langlade pode-se afirmar que é por meio da inclusividade que a arte é capaz de nos afetar, pois permite nos sentirmos vistos e apreciados.

Isso tudo significa que só nos importamos com assuntos que nos dizem respeito? Não. Mas, o afeto é visto como um fator orgânico, seja na psicologia de Piaget, que diz que “sem afeto não haveria interesse, nem necessidade, nem motivação.” (PIAGET, 1962, p. 32) ou, como muito bem colocou o sociólogo Cândido (1989, p. 177), “nas nossas sociedades a Literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo.”. A premissa da *fanfic* não é a de segregar grupos, mas de criar formas de conexão interpessoais. O seu

espaço democrático permite que assuntos sobre raça, gênero, sexualidade e religião sejam melhor explorados, ao passo que, muitos desses temas ainda precisam reivindicar seus espaços na Literatura convencional, pois as editoras e as instituições de ensino visam ao lucro e ainda precisam negociar com os grupos conservadores de domínio.

Clássicos da nossa Literatura que tratam de temáticas que não dizem respeito aos grupos majoritários resistiram nas entrelinhas da história, como *Úrsula* (1859), de Maria Firmina dos Reis, considerado um dos primeiros romances antiescravistas da Literatura brasileira e cuja trama principal foi articuladamente disfarçada em meio a narrativa de protagonistas brancos; e *Grande Sertão: Veredas* (1956), de João Guimarães Rosa, cujas questões de sexualidade e gênero são sutilmente desenvolvidas pelo autor ao longo de todo o romance.

Em contraponto, a liberdade oferecida dentro das plataformas onde as *fanfics* são publicadas permite que esses jovens sintam-se acolhidos e encorajados a compartilharem sentimentos tão íntimos e a explorarem os mais variados temas. As narrativas são escritas por autores que sentem a necessidade de se encontrarem nos textos e, ao darem voz a esses temas, abrem uma oportunidade para que outras pessoas também se sintam representadas por aquela história, pois a Literatura "É um modo de representação real. Através de um 'fingimento', o leitor reage, reavalia, experimenta as próprias emoções e reações." (GOES, 1990, p.16). Além disso, muitas vezes, é o único lugar em que esses jovens podem ser a versão mais autêntica de si mesmos e "é neste contexto que os gêneros textuais se constituem como ações sociodiscursivas para agir sobre o mundo e dizer o mundo, constituindo-o de algum modo." (MARCUSCHI, 2002, p. 3).

O conceito original da *fanfic* oferece uma leitura inocente; pelo prazer de ler e se conectar, sem objetivos mercantis, entretanto, o sucesso do gênero entre os jovens adultos levou algumas produções a serem publicadas como livro e, posteriormente, até adaptadas para os cinemas, como é o caso da trilogia *50 Tons de Cinza* (2011), que, originalmente era uma *fanfic* de romance erótico chamada *Master Of The Universe*, inspirada no romance da saga best-seller *Crepúsculo* (2005). O que indica como esses jovens são apaixonados pela leitura, porque são apaixonados pelo assunto sobre o qual estão lendo. Há um comprometimento que

vai além de só comentar, discutir sobre essas histórias ou fazer parte de um grupo. O empenho entre os *fanfiqueiros* é tão profundo, que alguns até mesmo traduzem as histórias, a fim de quebrar a barreira das linguagens para aqueles que não falam o idioma. A *fanfic* abaixo conta, em seu idioma original, com mais de 300 páginas e foi traduzida na íntegra para o Português e é amplamente compartilhada dentro do *fandom* ao qual pertence:

Figura 10

Chapter 1

My name is Patrick Dempsey, and I am in love with my costar, Ellen Pompeo. There, I said it. I've said it in my mind about a million times, but have at the same time never let it enter my consciousness. Or have I? Have I always known that I've loved her? Or have I ever loved her at all? I really have no idea. It took me a long time to even pinpoint that my love for Ellen was a separate entity than my character, Derek's, love for his true love, Meredith. Was there really a day that I could pinpoint where it crossed over from simple admiration to full-blown worshiping? When had I stopped seeing her as my friend and co-worker and started loving her as a woman and an equal? Just how much of her do I love that is Ellen and how much do I love is Meredith? Would it surprise you to know that the answer just isn't that simple?

*Trecho retirado da fanfic **Sliding Doors** – Original em Inglês.*

Figura 11

CAPÍTULO 1

PATRICK

Eu sou Patrick Galen Dempsey, ator de cinema de Hollywood, casado com a bela Jill e tenho uma linda filha, Tallulah. Ah, e preciso dizer mais uma coisa, estou encrencado, sabe por quê? Porque eu estou apaixonado pela minha co-estrela do seriado *Grey's Anatomy*, a doce, linda, maravilhosa, fantástica e deliciosa Ellen Kathleen Pompeo.

Isto, eu disse. Eu tenho dito isso na minha mente um milhão de vezes, mas ao mesmo tempo, nunca deixo entrar na minha consciência. Ou deixo? Que eu sempre soube que a amava? Que eu sempre a amei? Eu realmente não tenho idéia. Levei muito tempo até mesmo para identificar que o meu amor por Ellen era uma entidade separada do amor do meu personagem Derek para Meredith.

Houve realmente um dia que eu pudesse identificar onde isto passou da simples admiração à adoração? Quando eu tinha parado de vê-la como minha amiga e colega de trabalho e comecei a amá-la como uma mulher? Apenas quanto dela que eu amo que é Ellen, e quanto eu amo que é Meredith? As pessoas se surpreenderiam ao saber que a resposta não é simples.

*Trecho retirado da fanfic **Sliding Doors** – Traduzida para o Português.*

É também um lugar onde esses leitores podem desenvolver o seu senso crítico, estabelecendo por conta própria o que consideram boas histórias ou não. Isso não necessariamente tem a ver com regras gramaticais, mas, sim, se o enredo agrada, se contempla aquilo que eles procuram e se os afeta de alguma maneira:

A obra literária significa um tipo de elaboração das sugestões da personalidade e do mundo que possui autonomia de significado; mas que esta autonomia não a desliga das suas fontes de inspiração no real, nem anula a sua capacidade de atuar sobre ele (CANDIDO, 1999, p. 83).

Neste caso, os leitores leem aquilo que escolhem, não o que lhes é determinado; então, precisam utilizar sua autonomia e conhecimento de mundo para julgar determinada história positiva ou negativamente.

3.5 MEDIAÇÃO DE LEITURA

A BNCC (BRASIL, 2018, p. 37) corrobora o papel do educador em “refletir, selecionar, organizar, planejar, medir e monitorar o conjunto das práticas e interações, garantindo a pluralidade de situações que promovam o desenvolvimento pleno das crianças.”

Porém, o próprio sistema educacional sob o qual essa base curricular foi desenvolvida não colabora para a possibilidade de execução de tal medida, tendo em vista que a depreciação da subjetividade do leitor é compreendida como condição de êxito dentro do espaço escolar e universitário do sistema atual (LANGLADE, 2004), sabendo que, se não há ações de suporte que assegurem a realização destas medidas, elas são só uma utopia sistêmica, a fim de validar uma falsa atuação.

Os livros didáticos oferecidos às escolas, assim como as famosas apostilas ou mesmo a cobrança da Literatura clássica em provas de concursos como o Enem cooperam para que o professor, muitas vezes, se veja perdido entre oferecer ao aluno um texto que se relacione com a sua subjetividade e um texto que, uma hora

ou outra, fará falta na sua trajetória acadêmica. Como vimos anteriormente (p. 38), mais de 55% das escolas brasileiras não possuem biblioteca escolar ou sala de leitura, o que significa que até mesmo os clássicos da Literatura brasileira não estão disponíveis para a grande maioria das escolas públicas do país, e fica a cargo do professor suprir as necessidades educacionais destes alunos, preenchendo lacunas que o Estado cobra, mas não assiste.

Outro fator que contribui para a desvalorização dessas novas Literaturas é o currículo universitário, que resiste em adaptar-se às Literaturas contemporâneas e de resistência, sempre com olhar classicista sob a legitimidade dessas enquanto arte. Esta resistência prejudica o desenvolvimento crítico dos educadores, que deixam essa formação limitada para comandar uma sala de aula, em sua maioria, perpetuando as mesmas convicções que falham em alcançar e cativar o interesse dos alunos enquanto leitores literários. É um ciclo vicioso que, apesar das desconstruções e evoluções atuais, ainda resiste em dialogar e compartilhar esse espaço de prestígio com grupos marginalizados.

A *fanfic* como objeto de estudo do gênero textual, no entanto, é a possibilidade concreta de produzir aulas significativas, tendo esses textos como base para estudo e análise. É preciso “pensar a escola não como o espaço que destrói a experiência, mas antes a provoca, quando possibilita o encontro singular com a literatura.” (SOUZA, 2017, p. 172).

Em relação à gramática, o gênero proporciona a capacidade mais ampla de contato com a linguagem. Muito se fala sobre o aprendizado das regras gramaticais de língua portuguesa em sala de aula como experiências superficiais e não funcionais no dia a dia. Porém, a *fanfic* proporciona uma experiência genuína com a linguagem àqueles que entram em contato com essas narrativas. Isso ocorre justamente porque tal metodologia se afasta do uso do texto como pretexto e se envolve com o desenvolvimento significativo das faculdades emocionais e cognitivas, a partir da aplicação concreta do texto:

A partilha intelectual e afetiva que acontece nestes momentos de interação serve de andaime para a construção de sentidos, incentiva o prazer de ler e discutir sobre as leituras e cria um círculo de referências comuns entre os interlocutores (SOUZA, 2017, p. 171).

O *Spirit Fanfics*, uma das plataformas mais populares de publicação de *fanfics* no nosso país, oferece uma aba específica com instruções e aulas de Português, preparadas por usuários verificados e administradores, formados em Letras e Pedagogia, para que esses produtores de conteúdo possam aprimorar seus conhecimentos linguísticos e tenham uma experiência mais enriquecedora de leitura. São discutidos, por exemplo, assuntos gramaticais diretamente ligados às funções mais utilizadas dentro de uma narração em *fanfic*, dentro do contexto do uso da língua. Veja alguma das possibilidades:

Figura 12

Aulas de Português	
Aula 9º - Uso de esta, está, essa, esse, este, deste e afins Aula dada por choientist (11 comentários)	Aula 58º - Sinais de Pontuação VI – O uso da Crase Aula dada por +Senya (149 comentários)
Aula 8º - Uso correto de cujo(a) Aula dada por @Er-gege (17 comentários)	Aula 57º - Sinais de Pontuação V – Reticências e parênteses Aula dada por @Er-gege (37 comentários)
Aula 7º - Uso de "am" e "ão" em Verbos Aula dada por @Er-gege (11 comentários)	Aula 56º - Sinais de Pontuação IV – Travessão e hífen Aula dada por @Er-gege (45 comentários)
Aula 6º - Uso do "Mal" e "Mau" Aula dada por choientist (19 comentários)	Aula 55º - Sinais de Pontuação III – Ponto de interrogação, Ponto de exclamação Aula dada por +Senya (18 comentários)
Aula 5º - Uso de a / à / há Aula dada por choientist (37 comentários)	Aula 54º - Sinais de Pontuação II – Ponto e vírgula, dois pontos e ponto final Aula dada por @Er-gege (48 comentários)
Aula 4º - Uso do "Mas" e "Mais" Aula dada por choientist (20 comentários)	Aula 53º - Sinais de Pontuação I – Vírgula Aula dada por @Er-gege (136 comentários)
Aula 3º - Uso do "Eu" e "Mim" Aula dada por choientist (50 comentários)	Aula 52º - Homônimos VI Aula dada por +Senya (7 comentários)
Aula 2º - Uso dos Porquês Aula dada por choientist (102 comentários)	Aula 51º - Homônimos V Aula dada por @Er-gege (2 comentários)
Aula 1º - A Nova Ortografia Aula dada por choientist (136 comentários)	Aula 50º - Homônimos IV Aula dada por @Er-gege (6 comentários)

*Retirado da plataforma **Spirit Fanfics**.*

Um recurso muito inteligente no gênero *fanfic* são as narrativas denominadas como “Imagine”, em que as histórias são desenvolvidas com características das personagens e seus pronomes são ocupados por “s/n” (sem nome), de modo que o leitor pode interferir diretamente naquela narrativa, escolhendo quem e como serão os personagens, podendo então incluir sua subjetividade no texto. Veja os exemplos:

Figura 13

Imagine SN "Qual é o Problema em amar?" (Fic LGBTQ)
escrita por **MariaEduardaDoNasci**

 **Em andamento**
Capítulos **6**
Palavras **3.357**
Atualizada há 4 dias às 21:14
Idioma **Português**
Categorias **Histórias Originais**

Gêneros **Gay / Yaoi, Lésbica / Yuri, LGBTQIA+, Romântico / Shoujo**

SN é uma pessoa LGBTQ+ que terá que enfrentar o preconceito do mundo para ficar com a pessoa que ama e acima de tudo, para que possa se amar do jeito que é!

16  6  14 Ver sinopse

Exemplo 1 – retirado da plataforma *Spirit Fanfics*.

Figura 14

RECENTES DESTAQUES AULAS GÊNEROS CATEGORIAS TAGS HISTÓRICO MINHAS HISTÓRIAS

Meu amado - Itachi Uchiha (Imagine)
escrita por **LiaFersa**

 **Em andamento**
Capítulos **16**
Palavras **32.607**
Atualizada há 2 dias às 21:00
Idioma **Português**
Categorias **Naruto**

Gêneros **Aventura, Comédia, Drama / Tragédia, Fantasia, Gay / Yaoi, Lésbica / Yuri, LGBTQIA+, Mistério, Romântico / Shoujo, Sobrenatural**

Os impérios se dividiam em quatro: Uchiha, norte; Hyuuga, sul; No Sabaku, oeste e Akatsuki, leste.

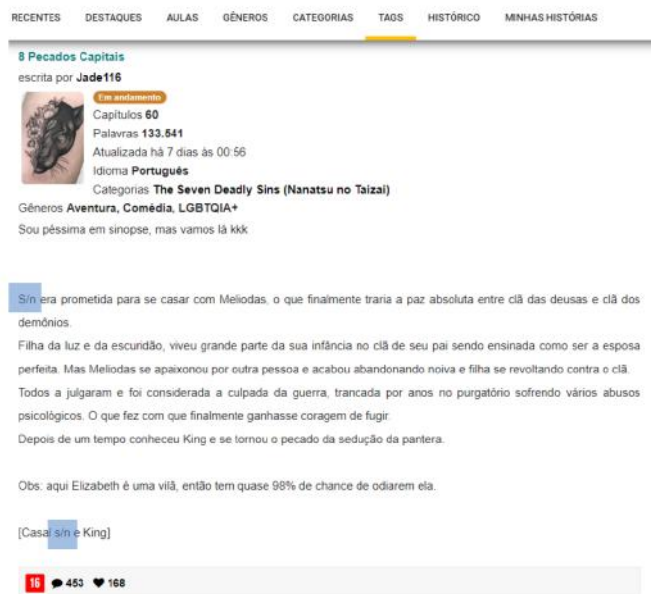
No sul, a vida de **S/N** Inuzuka, jovem de 19 anos, muda completamente ao sua mãe, Tsume Inuzuka, ficar muito doente e ela decidir trabalhar como uma das servas no palácio imperial Hyuuga. O que ela não esperava, era se apaixonar pelo prometido da princesa, Itachi Uchira.

Muitas coisas acontecem, levando **S/N** a descobrir coisas sobre sua vida, as quais ela não tinha ideia de que eram possíveis, e que causam uma enorme reviravolta ao mundo ninja.

Temporada 1: Completa
Temporada 2: Completa
Temporada 3: Em andamento

Exemplo 2 – retirado da plataforma *Spirit Fanfics*.

Figura 15



Exemplo 3 – retirado da plataforma **Spirit Fanfics**.

A partir dessa fórmula interativa de leitura, os leitores tem a possibilidade imersiva de participar efetivamente do texto, de modo que a sua subjetividade pode ser inserida mais concretamente a medida que ele modifica a obra, dentro das possibilidades oferecidas, do modo que passe a ser mais co-autor do que apenas um observador da narrativa.

Uma segunda possibilidade são as *fanfics* interativas, que funcionam da mesma forma que as anteriores, mas se apoiam recursos mais tecnológicos, para que o leitor interfira no texto.

Figura 16

<p>ficsdati.tumblr.com diz</p> <p>Me diga o seu nome!</p> <input type="text" value="Meredith"/>	<p>ficsdati.tumblr.com diz</p> <p>Agora diga o nome do seu homem:</p> <input type="text" value="Derek"/>
<p>OK Cancelar</p>	<p>OK Cancelar</p>
<p>ficsdati.tumblr.com diz</p> <p>E o apelido de sempre, qual é?</p> <input type="text" value="Mer"/>	<p>ficsdati.tumblr.com diz</p> <p>Sobrenome?</p> <input type="text" value="Shepherd"/>
<p>OK Cancelar</p>	<p>OK Cancelar</p>
<p>ficsdati.tumblr.com diz</p> <p>Sobrenome lindo:</p> <input type="text" value="Grey"/>	<p>ficsdati.tumblr.com diz</p> <p>Coloque a cor dos olhos dele no plural, por favor</p> <input type="text" value="azuis"/>
<p>OK Cancelar</p>	<p>OK Cancelar</p>

*Trecho retirado da fanfic **Secretary**, 2016.*

Figura 17

E pensar que **Derek** havia morado em Dubai por quase um ano.

Por falar em **Derek**, não precisei erguer meu olhar para saber que ele estava próximo. O perfume inigualável alcançou a atmosfera ao meu redor e deu às partículas de ar que eu respirava um aspecto muito mais... Envolvente.

Oh, vejamos só as idiotices que estou falando!

- Ei, **Meredith**, - o homem cumprimentou de extremo bom humor, aproximando-se com seu quase impecável terno preto - ele nunca aprenderia de fato a lidar com uma gravata -, os cabelos à altura dos ombros penteados para trás e mil e uma intenções perambulando pelos seus lindos olhos **azuis**, como sempre.

"Foco, **Meredith**! Lembra o que você tinha decidido?!"

- Bom dia, senhor **Shepherd**, - respondi gentil, tentando ser o mais profissional possível.

Derek franziu o cenho.

- O que foi que nós conversamos...

- Em que posso ajudá-lo, senhor **Shepherd**? - cortei-o em um gesto ousado que fez meu estômago revirar.

*Trecho retirado da fanfic **Secretary**, 2016.*

Essa possibilidade de interferência e participação ativa dos textos fornecidas por essa forma de narrativa pode cumprir um papel fundamental em sala de aula, uma vez que os alunos têm autonomia para imprimir sua subjetividade e afetamento nas narrativas, ou seja, "Trata-se de uma relação interior com a matéria de estudo,

de uma experiência com a matéria de estudo, na qual o aprender forma ou transforma o sujeito.” (LARROSA, 2000, p. 52).

Sabemos que é preciso, ainda, um estudo minucioso em relação a esse material e sobre como implementá-lo em sala de aula de maneira adequada, da mesma forma que não podemos negligenciar que as *fanfics* exploram a manifestação da criatividade desses jovens, em sua forma mais intrínseca. Embora esses sistemas tenham suas próprias regras – regras essas que os jovens precisam respeitar –, é uma forma autônoma de criação, através da qual sua imaginação pode vaguear, sem a preocupação com a tutela de um revisor. Por meio das *fanfics*, podemos compreender melhor as expectativas e os pensamentos desses leitores e autores.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pergunta que surge é: sob o controle de quem está a métrica do que é ou não uma Literatura de qualidade? Sob o controle desses mesmos grupos que majoritariamente dominam a Literatura Clássica: homens brancos, de meia idade, com alto grau de escolaridade e de classe alta. E é a zona de conforto dos mesmos que estagna a evolução da Literatura enquanto formadora de consciência crítica social e humana.

Entretanto, isso não significa uma guerra contra as obras que compõem o cânone da Literatura brasileira, mas uma necessidade de proporcionar aos jovens leitores o contato com narrativas plurais, que conversem com o seu cotidiano, que ofereçam identificação social, cultural, identitária, pois “é indispensável tanto a literatura sancionada quanto a literatura proscrita; a que os poderes sugerem e a que nasce dos movimentos de negação do estado de coisas predominantes.” (CANDIDO, 1989, p. 177 e 178). É preciso trazer ao centro a Literatura marginalizada e discutir o porquê e por quem são menosprezadas, mediando narrativas e diálogos que afetem os alunos e os levem a uma reflexão crítica do sistema em geral e lhes possibilitem um melhor entendimento de si e do outro, pois “talvez não haja equilíbrio social sem a literatura.” (CANDIDO, 1989, p. 177).

A afetividade, subjetividade e representatividade são os fatores principais de mediação da leitura de *fanfic*, uma vez que os leitores procuram na Literatura um lugar de conforto, onde as suas relações afetivas, seus interesses e ideais serão valorizadas. Até então, a Literatura servia a um propósito diferente daquele para o que ela foi criada. Ela servia ao sistema, não ao prazer.

A preocupação se trata de preencher um currículo, não preencher as emoções. Como novo gênero literário, a *fanfic* desmistificou a crença de que a Literatura não é para todos ou que jovens e adolescentes não a apreciam. Não só os dados trazidos comprovam a base infundada dessa injusta má fama (p. 27 a 30), mas o próprio gênero literário em si, popularizado por esses indivíduos nas últimas décadas, forçam os detentores de poder dentro do espaço literário erudito a enxergar que esses jovens elevaram o nível da Literatura, transformando-a em um espaço de afeto, assim como era na gênese da arte.

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações (CÂNDIDO, 2011, p. 177).

Conforme visto até aqui, existem diversas possibilidades de implementar o gênero *fanfic* em sala de aula, como propõe a BNCC, contanto que haja comprometimento, estudo e sensibilidade por parte das instituições e de seus membros. O grupo majoritário que compõe essa categoria autodenominada de *fanfiqueiros*, continuam não tendo completo embasamento teórico necessário para aperfeiçoar sua escrita ou para distinguir concretamente os benefícios daquela leitura, uma vez que ainda que devotos à arte, não compreendem seu peso sociocultural e muitos não a consideram Literatura. Desta forma, a escola pode oferecer ferramentas que os garantam maior autonomia e segurança para desenvolverem suas próprias narrativas e enxergarem suas ações de leitura e escrita como cultura literária válidas.

Instituições educacionais e profissionais da educação não devem ser vistos como detentores da sabedoria imaculada ou responsáveis por uma ditadura do conhecimento, mas devem oferecer possibilidades de construção pessoal e social. Não deve-se cultivar a limitação da criatividade em prol da formação de produção mercantil, e sim, incentivar e guiar os alunos ao entendimento de que suas ações e atividades podem gerar impacto sociocultural.

A subjetividade dos leitores não deve ser disfarçada como um elemento inalcançável, mas deve haver o compromisso de torná-la um fator concreto nas aulas de Literatura. Assim, é necessário sair desta atitude de negação com a Literatura, para uma atitude de compromisso com a Literatura, uma vez que mudá-la significa transformar a forma como a experienciamos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, L.F.; SOUZA, R. C. S. . **A leitura literária entre a instrução e a experimentação: memórias de leitura de professores da escola básica.** Perspectivas em educação básica, 2017.

ARTIGO, Revista Brasileira. ASSIS, Machado de. **O Velho Senado.** Revista Brasileira, 1898. In: ASSIS, Machado de. Obras Completas de Machado de Assis VI: Crônica Completa (Edição Definitiva). Edição do Kindle. Não paginada.

ARTIGO. ASSIS, Rafael. **A formação do Cânone literário e reflexões sobre História Literária.** Medium. Disponível em: https://medium.com/@Rafa_assis/a-forma%C3%A7%C3%A3o-do-c%C3%A2none-liter%C3%A1rio-e-reflex%C3%B5es-sobre-hist%C3%B3ria-liter%C3%A1ria-2611ba053efa. Acesso em: 07/06/2021.

ARTIGO, Brasil Escola. **Importância da afetividade para uma aprendizagem significativa.** Meu Artigo Brasil Escola. Disponível em: <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/educacao/a-importancia-afetividade-para-uma-aprendizagem-significativa.htm>. Acesso em: 02/06/ 2021.

ARTIGO, CAT WEBLING. **Fanfiction Is a Valid Literary Genre, and Here's Why.** Medium. Disponível em: <https://catwebling.medium.com/fanfiction-is-a-valid-literary-genre-and-heres-why-1ffc3cf40fd2>. Acesso em: 03/06/021.

ARTIGO, CLCWeb. **Comparative Literature and Culture.** CLCWeb. Disponível em: <https://docs.lib.purdue.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1691&context=clcweb>. Acesso em: 01/06/2021.

ARTIGO. **Dados do Inep mostram que 55% das escolas brasileiras não têm biblioteca ou sala de leitura** - Notícias. Portal da Câmara dos Deputados. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/549315-dados-do-inep-mostram-que-55-das-escolas-brasileiras-nao-tem-biblioteca-ou-sala-de-leitura/#:~:text=Das%20180%20mil%20escolas%20brasileiras,escolar%20ou%20sala%20de%20leitura.&text=O%20debate%20foi%20promovido%20pela,e%20privadas%20%E2%80%93%20tenham%20bibliotecas%20escolares..> Acesso em: 07/06/2021.

ARTIGO, DE FI DE GRAU, Treball. **APPRECIATION OR ABOMINATION? A STUDY OF FANFICTION AS LITERATURE** Grau d'Estudis Anglesos. [s.l.]: , 2019. Disponível em: <http://diposit.ub.edu/dspace/bitstream/2445/170822/1/EGIDO%20LORENTE%2C%20Ju%CC%81lia%20TFG.pdf>. Acesso em: 25/05/2021

ARTIGO. DUMAS, Alexandre. **Benserade dans la littérature.** Disponível em: <http://www.benserade.fr/pages/benserade-litterature.html>. Acesso em: 09/10/2021.

ARTIGO, Estante Virtual. **Do romance de folhetim ao Chick-Lit** | Estante Virtual Blog. Estante Virtual Blog | Livros, cultura e afins. Disponível em: <https://blog.estantevirtual.com.br/2013/06/18/do-romance-de-folhetim-ao-chick-lit/>. Acesso em: 09/10/2021

ARTIGO. JENKINS, Henry. **Fan Fiction as Critical Commentary**. Henry Jenkins. Disponível em: http://henryjenkins.org/blog/2006/09/fan_fiction_as_critical_commen.html. Acesso em: 03/06/ 2021.

ARTIGO Migalhas. **Novela em Migalhas, a revelação** - Migalhas. Migalhas.com.br. Disponível em: <https://www.migalhas.com.br/quentes/288654/novela-em-migalhas--a-revelacao>. Acesso em: 09/10/2021.

ARTIGO. **Pesquisa mostra que 82,7% dos domicílios brasileiros têm acesso à internet**. Ministério das Comunicações. Disponível em: <https://www.gov.br/mcom/pt-br/noticias/2021/abril/pesquisa-mostra-que-82-7-dos-domicilios-brasileiros-tem-acesso-a-internet>. Acesso em: 07/06/2021.

BIRELLO, Verônica. **Práticas literárias no ciberespaço: a autoria discursiva discutida por meio de fan fictions**. Linguagem - Estudos e Pesquisas, v. 17, n. 2, 2013.

Bonald, L. (2017). **Oeuvres Complètes de M. de Bonald**, Pair de France Et Membre de l'Académie Française, Vol. 3 of 3 (Classic Reprint). Estados Unidos: Fb&c Limited.

BRONCKART, J.P [1999]. **Atividade de linguagem, textos e discurso: por um interacionismo sociodiscursivo**. Tradução Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. 2. ed. São Paulo: EDUC, 2009.

Bronwen Thomas. **“What Is Fanfiction and Why Are People Saying Such Nice Things about It??”** *Storyworlds: A Journal of Narrative Studies*, vol. 3, University of Nebraska Press, 2011, pp. 1–24.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária**. São Paulo: Nacional, 1973.

_____. **Direitos Humanos e literatura**. In: A.C.R. Fester (Org.) *Direitos humanos E...* Cjp / Ed. Brasiliense, 1989.

_____. **Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos**. 8.ed. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: Itatiaia 1997. v.II.

_____. **A literatura e a formação do homem**. *Remate de Males* : Revista do Departamento de Teoria Literária, São Paulo, n. esp., p. 81-89, 1999.

CHALITA. Gabriel. **Pedagogia do Amor: A contribuição das histórias universais para a formação de valores da nova geração**. São Paulo: Gente. 2003.

COLOMER, Teresa. A formação do leitor literário: narrativa infantil e juvenil atual. Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2003.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da literatura: literatura e senso comum**. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

COPPA, Francesca (2006). **"A Brief History of Media Fandom"**. Em Hellekson, Karen; Busse, Kristina (eds.). Fan Fiction and Fan Communities in the Age of the Internet. Jefferson, North Carolina: McFarland & Company. pp. 41–59.

CRÔNICA. **O Jornal e o Livro**, 1859. Ufsc.br. Disponível em: <https://machadodeassis.ufsc.br/obras/cronicas/CRONICA,%20O%20Jornal%20e%20o%20Livro,%201859.htm>. Acesso em: 09/10/2021..

DEUTSCHE WELLE (WWW.DW.COM. 1933: **Grande queima de livros pelos nazistas** | DW | 10.05.2021. DW.COM. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/1933-grande-queima-de-livros-pelos-nazistas/a-834005>. Acesso em: 06/06/2021.

DIANA, Daniela. **O que é Literatura?** Toda Matéria. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/o-que-e-literatura/>. Acesso em: 24/05/2021.

Dicio. Disponível em: <https://www.dicio.com.br>. Acesso em: 06/06/2021.

DOR, Joël. **Introdução à leitura de Lacan, v.1: o inconsciente estruturado como uma linguagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989. 191 p.

Fanfic As Academic Discipline | JSTOR Daily. JSTOR Daily. Disponível em: <https://daily.jstor.org/fanfic-as-academic-discipline/>. Acesso em: 01/06/2021.

FANFIC. **Secretary - VERSÃO REESCRITA!** Tumblr.com. Disponível em: <https://ficsdati.tumblr.com/secretarynew>. Acesso em: 09/10/2021.

FANFIC SPIRIT TECNOLOGIA LTDA. **Qual é o Problema em amar?**. Spirit Fanfics e Histórias.. Disponível em: <https://www.spiritfanfiction.com/historia/imagine-sn-qual-e-o-problema-em-amar-fic-lgbtq-22346143>. Acesso em: 12/10/2021.

_____. **Meu amado Itachi Uchiha**. Spirit Fanfics e Histórias. Disponível em: <https://www.spiritfanfiction.com/historia/meu-amado--itachi-uchiha-imagine-22235589>. Acesso em: 12/10/ 2021.

Foucault, M. (2001). **O Que é um Autor?** Tradução de I. A. D. Barbosa. In: Ditos e Escritos III. Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema. RJ: Forense Universitária, p. 264- 298. (Trabalho originalmente publicado em 1969) Kundera, M. (1993). Les Testaments trahis. France: G

Galvão, Izabel. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. Izabel Galvão. - Petrópolis, RJ ; Vozes, 1995. - (Educação e conhecimento).

INSTITUTO PRÓ-LIVRO, **Retratos da Leitura no Brasil**. São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2015.

_____, **Retratos da Leitura no Brasil**. São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2019.

ISER, W. **L'acte de lecture**. Trad. fr. Bruxelles: Mardaga, 1976.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. 2 ed. São Paulo: Aleph, 2009. 428 pp. Tradução: Susana Alexandria.

JORNAL, El País. Beatriz. **Justiça veta censura homofóbica de Crivella na Bienal do Livro do Rio**. EL PAÍS. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/09/06/politica/1567794692_253126.html. Acesso em: 06/06/2021.

JORNAL, Folha de São Paulo. **Jovens leem mais no Brasil, mas hábito de leitura diminui com a idade**. Folha de S.Paulo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/seminariosfolha/2019/09/jovens-leem-mais-no-brasil-mas-habito-de-leitura-diminui-com-a-idade.shtml?origin=folha#>. Acesso em: 10/06/2021.

MARCELA, Rhânia. **A música durante a ditadura militar brasileira**. Letras.mus.br. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/blog/musicas-da-ditadura/>. Acesso em: 24/05/2021.

MARCUSCHI, L. A. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.). **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

PIAGET, Jean. **A relação da afetividade com a inteligência no desenvolvimento mental da criança**. v. 26 n. 3, 1962. Texto retirado da internet e traduzido do original "The relation of affectivity to intelligence in the mental development of the child". Bulletin of the Menninger Clinic, London, v. 26, n. 3, 1962.

REVISTA, Kappan. GEE, JP. **Affinity spaces: How young people live and learn online and out of school** - kappanonline.org. kappanonline.org. Disponível em: <https://kappanonline.org/gee-affinity-spaces-young-people-live-learn-online-school/>. Acesso em: 04/10/2021.

REVISTA, Nova Escola. **O conceito de afetividade de Henri Wallon**. Nova Escola. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/264/0-conceito-de-afetividade-de-henri-wallon>. Acesso em: 02/06/ 2021.

REVISTA, Terra roxa. e outras terras. **Revista de Estudos Literários Volume 31** (dez. 2016) – 1-115 – ISSN 1678-2054. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/terraroxa/>. Acesso em 06/06/21.

ROUXEL, Annie. **Ensino de literatura: experiência estética e formação do leitor**. In: ALVES, José Hélder Pinheiro (Org.). Memórias da Borborema 4: Discutindo a literatura e seu ensino. Campina Grande: Abralic, 2014.

_____; LANGLADE, Gérard & REZENDE, Neide Luzia (org) **Leitura subjetiva e ensino de literatura**. São Paulo: Alameda, 2013.

TOREZAN, ZEILA C. FACCI ; AGUIAR, Fernando. **O sujeito da psicanálise: particularidades na contemporaneidade**. Revista Mal Estar e Subjetividade, v. 11, n. 2, p. 525–554, 2011. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482011000200004. Acesso em: 06/06/2021.

WIKIPEDIA CONTRIBUTORS. Wikipedia. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Wikip%C3%A9dia:P%C3%A1gina_principal. Acesso em: 02/06/2021.